

TRIBUNA Livre

28
MARÇO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

Para a frente é o caminho, Senhor Ministro.

É preciso ser mais que ingénio ou simplista para não compreender tudo que se passou na última campanha eleitoral e se passa após ela. É preciso ser mais que temerário e ser mesmo traidor à Revolução para não buscar o remédio imediato e para não arripiar caminho.

O Governo, dando conta do mal e surpreendendo as razões por que as massas se mostraram descontentes, iniciou uma fase de almejada, sã e salvadora renovação no País.

Começou a substituir governadores civis, presidentes de câmaras, etc. Veio mesmo com um decreto-lei alterando o Código Administrativo de forma a que as disposições legais facilitem essa renovação e possam colorir um pouco as substituições, isto, evidentemente, com lou-

váveis objectivos políticos.

Antes, havia já sido renovada a Comissão Executiva da União Nacional, esse organismo de grandes responsabilidades, sobretudo na obra política.

À sua frente foi colocado o espírito activo e arejado do Dr. Castro Fernandes, que se não fôsse já bem conhecido de todos os portugueses, impôr-se-ia ao fim de poucas semanas de actividade política.

Quando tudo caminha, enfim, aparecem daqui e dali piros agoireiros, gritos de alguns que se esforçam desesperadamente por se segurarem nos lugares que deviam ser os primeiros a abandonar, maviolos e até sonoros pregoes de outros a apregoarem as excelências e virtudes da «continuidade da obra governativa», etc, etc.

Agora surge coisa mais séria ainda.

Nós, os bem intencionados, os que queremos sinceramente a sobrevivência da Revolução ficamos alarmados quando, recentemente, ouvimos, na Assembleia Nacional uma voz a puxar para

(Continua na 2.ª página)

Considerações sobre a reunião da imprensa regional

Conhecidas as largas referências que a imprensa fez, a seu tempo, à reunião da imprensa regional, não nos parece oportuno falar do programa da reunião, mas sim, bordar considerações que possam dar uma ideia do que por lá se passou à margem do que o referido programa anunciava.

Do plano de trabalhos, conclusões e deferências recebidas

se infere que a organização teve em alto apreço o papel da chamada pequena imprensa, aliás com justiça, pois ela representa, ao fim e ao cabo, a maior força de publicidade do País, como desde logo se depreende ao saber-se que os jornais representados têm uma tiragem de 600.000 números.

Além disso o semanário ou quinzenário é o jornal da família, lido por todos os membros do agregado familiar, e porque em regra trata assuntos locais é-lhe dada uma atenção especial. É também, na maior parte das vezes, dentro do concelho, filho único, o que lhe aumenta as possibilidades e responsabilidades.

A importância agora reconhecida aos órgãos regionais da imprensa deve ter saído fortalecida da reunião que levou a Lisboa representantes de norte a sul, mais fortalecida ainda por se ter podido verificar até que ponto eles estão ligados à opinião pública dos pequenos meios, e, até, conhecem as necessidades locais e podem ser o seu guia.

O jornal é o refúgio de todos os descontentes com a solução dada aos pequenos problemas locais e quando dá publicidade a esse descontentamento deveria ser considerado como o participante na melhor solução. É, pelo contrário, tido desde logo como o adversário e daí a causa de muitos males que no

(Continua na 2.ª página)

Uma carta do Sr. Presidente da Câmara de Esposende...

Chegou-nos à mão o n.º 162 do jornal «Tribuna Livre» que V. Ex.ª dirige e nele lemos o artigo intitulado «Carta de Esposende—Problemas».

Sou daqueles que entendo indispensável e absolutamente exigível, no plano das reivindicações sociais, a existência duma «Tribuna Livre», consciente das responsabilidades inerente ao exercício de tal liberdade.

Nesta conta tenho o exercício da liberdade consentida por V. Ex.ª, no jornal que dirige.

Esta razão me leva a dirigir a V. Ex.ª patenteando-lhe a minha mais profunda indignação pela forma como um tal Snr. Celanus, refere dois casos decididos pela Câmara a que presido.

Eis a verdade nua e crua, tal qual seria contada a qualquer pessoa que junto da Câmara procurasse esclarecer-se:

Na reunião camarária de 19 de Agosto de 1958, foram apresentadas cinco propostas, para a demolição dos prédios e arrumação dos entulhos dos mesmos, todas elas de quantitativo diferente.

Acompanhava tal apresentação, uma informação da Secretaria Municipal, em que se dizia: «... a mais vantajosa é

a do 1.º empreiteiro que se compromete a demolir o prédio e arrumar os seus entulhos, com reserva para si, de todos os materiais, excepto as madeiras da casa do Snr. X, oferecendo à Câmara a importância de 4.000\$00».

Em face desta informação da Secretaria, a «Câmara

(Continua na 4.ª página)

Glória à Traição

Por E M E

Neste mundo convulso, em que tanto se procura pescar nas águas turvas, em que parece haver uma doutrina para cada filósofo e filosofia para toda a doutrina, não admira que também haja argumento para qualquer justificação.

Baralham-se os valores, confundem-se as ideias, trocam-se os factos para se amalgamarem as realidades: diturpam-se os verdadeiros fundamentos da ética cristã que vem iluminando o mundo há dois mil anos.

Quem diria, ser possível, glorificar Judas Iscariote, o protótipo da traição?!

Pois também este perverso discípulo de Jesus, que cego de avareza O vende, O entrega por trinta dinheiros, trocando o ósculo da amizade pelo da traição, teve a honra de merecer dos seus «camaradas» soviéticos, uma estátua monumental que se vê de «punhos cerrados contra o céu», nas magens do Volga, na cidade russa de SWIATSCHT.

É curiosa a escolha do pobre «Traidor de Cristo» para se lhe erguer uma estátua, pois em tudo se tem visto ser o Kremlin, actualmente, o verdadeiro «Judas» do nosso tempo.

Não poderia ter escolhido, melhor símbolo, a Nação que dá—sempre que pode—o ósculo repelente da traição em quantos se lhe entregam, vendendo amigos e inimigos num tráfico desumano em que procura arrastar o mundo incauto ao Calvário do Comunismo.

Pobre Judas Iscariote que, se lhe fosse dado ressuscitar e presenciar a glória afrontosa de ver içada a sua imagem a um

(Continua na 2.ª página)

... e a resposta

Quem ler atentamente o pretense esclarecimento do Senhor Presidente da Câmara M. de Esposende facilmente conclui, sem indignação, sem paixão e com escrúpulos, o seguinte:

1.º— Que a Secretaria informou que a mais vantajosa proposta é a do 1.º empreiteiro.

2.º— Que a Câmara deliberou estudar a forma de com o rendimento destes 4.000\$00 construir um baracão...

3.º— Que posteriormente a Câmara não aceitou como verdadeira a informação da Secretaria, pois um outro empreiteiro que oferecia menos 30\$00, passou a ofe-

recer mais, porque cedia material para uma estufa.

Para já há aqui 2 posições da Câmara:

a) — A Câmara delibera estudar a aplicação dos 4.000\$00 da proposta mais vantajosa em reunião de 19 de Agosto.

b) — Cerca de 3 meses depois, põe de parte a mais vantajosa e opta por uma menos vantajosa, que passou a ser mais vantajosa.

E passou a ser mais vantajosa, porque este empreiteiro « se compromete ainda a ceder à Câmara os materiais necessários para a construção de estufas »...

(Continua na 4.ª página)

Ressurrexit

Depois da tragédia do Calvário, a maior de todas que regista a história da humanidade, que a própria natureza contemplou estarecida, porque o Sol se obscureceu e gemeu abalada nos alicerces a Terra, eis que a Igreja e com ela todos os crentes, depõe o luto, enxuga as lágrimas e reveste-se de toda a pompa e esplendor, para entre cânticos de hosana e aleluias, celebrar jubilosamente a festa da Ressurreição do Senhor.

As profecias realizaram-se integralmente e os milagres sem conta operados por Jesus para provar a sua divindade e a verdade da doutrina que anunciava têm agora o solene remate com o triunfo de Jesus

sobre a morte. Sim; Cristo venceu a morte.

Aqueles discípulos tímidos, que o viram agonizar na Cruz de pés e mãos cravadas, o peito atravessado pela lança, todo o corpo chaga viva, ficaram perplexos perante a narração das Santas e piedosas mulheres.

Não admira, porque sendo testemunhas oculares de todo aquele drama sangrento, ainda estavam dominados pelo terror e abalados pela terrível impressão da trágica morte do Mestre.

Domingo, ao despontar da aurora as Santas mulheres, dirigem-se ao sepulcro para un-

(Continua na 2.ª página)

Para a frente é o caminho

(Continuação da 1.ª página)

trás, a impedir a renovação, a classificar de « delírio » a única atitude que é de salvação. E, para ironia das coisas, saiu essa voz de um jovem deputado que todos nós, os novos, consideramos um dos maiores valores da nossa geração.

E querem saber, meus senhores, o que é que na Assembleia Nacional se ataca? Isto simplesmente: um decreto-lei que estabelece como período máximo para a permanência de um presidente de câmara nas suas funções, o de *doze anos*. Vejam bem: *doze anos*.

O Sr. Dr. *Homem de Melo* pensa que algum português acredita que, ao fim de doze anos de trabalho intenso e esforçado pelo bem comum, ainda sobra altruísmo, força e vigor para « servir a grei »? E nós dizemos de trabalho intenso e esforçado e até de abnegação, porque tudo isto tem de ser a acção de um presidente da câmara.

Não escreveríamos estas linhas se não acabássemos de ver, ao abrir o jornal, que nove deputados enviaram para a Mesa da Assembleia um requerimento para ser sujeito a ratificação o decreto-lei em causa.

Será que a nossa Assembleia se vai pronunciar contra?

Nós não o podemos admitir, embora tenhamos certas razões para recear.

Receamos seriamente que o espírito dominante na Câmara seja contra a renovação (isto, sem menos apreço por alguns nomes e pessoas ilustres entre os representantes do nosso Distrito). Mas nós temos de acreditar

em que, para além dos interesses particulares, para além da consideração de situações locais que apetecia a este ou aquele manter, os senhores deputados não-de pensar nos nossos verdadeiros objectivos: servir o povo, progredir, manter a ordem e a paz, prosseguir, enfim, na Obra que não queremos ver afundada.

Os senhores deputados não-de pensar na organização aguerrida dos adversários da ordem, do povo, da Pátria e de Deus. Não-de pensar na acção traidora dos portugueses que no estrangeiro, têm procurado voltar os governos contra nós, sobretudo, no Brasil. Não-de pensar na farsa « Delgado » que, sendo, à vista de todos uma autêntica farsa, encontrou um clima capaz de criar dificuldades até diplomáticas. Não-de pensar nos jantares destinados a festejar aniversários natalícios de alguns « cartazes » que todos os dias se procuram levantar em cada terra. (Se o Sr. Dr. *Homem de Melo* quiser observar, pode ver, num dos jornais que publicou as suas palavras, e mesmo ao lado destas, uma *convocatória* das muitas que todos temos lido.)

Ora o clima que se respira no País não surgiu por acaso.

O Sr. Dr. *Homem de Melo* quer que se não « *exagere a renovação* » e se não caia em « *delírio de renovação* » e vem salvaguardar a justiça a fazer aos que há muito estão à frente dos lugares.

Quando pensamos na obra gigantesca de 30 anos de Governo sério (no plano ministerial e designadamente no da Presidência do Conselho),

e, por outro lado, constatamos o espírito e ambiente propício a farsas « Delgado » e quejandas, o menos que podemos fazer é perguntar: — quem são os responsáveis?

Acabe-se, de vez, com a concepção patrimonial da política.

Isto é dos de recta intenção, dos desinteressados e capazes de servir, de todos os que, sejam quais forem as suas ideias, têm o denominador comum da Pátria.

* * *

Não. Não há, Senhor Ministro, « *exagêro renovador* ».

Não há, Senhor Ministro « *delírio de renovação* ».

Cria, Senhor Ministro, que os portugueses desinteressados, os que não têm nem compadres nem situações pessoais a defender, mas só vêem o interesse nacional, esses dizem com todas as veras da sua alma:

Para a frente é que é o caminho.

Visado pela Censura

GLÓRIA À TRAIÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

pedestal, procuraria novamente uma figueira para se enforçar e morrer por vergonha — não já por remorso!

De entre os personagens que receberam votação para a estátua, por merecerem simpatia e honra dos seus « camaradas » soviéticos, contam-se: Lúçifer e Caím.

Nenhum destes, porém, conseguiu votação como a de Judas.

Devemos reconhecer, contudo, que ambos estes « ídolos » mereciam igualmente ricas estátuas, depunhos serrados, que perpetuassem as intenções do marxismo internacional.

Mas por que não seria votado, por maioria, Lúçifer, o maior anarquista de todos os tempos? Este, sim! Este seria — é — o símbolo exacto da perfídia do Kremlin!

Não o quiseram porque cheirava a « coisa espiritual ».

Como reconhecer Lúçifer, sem aceitar Deus?!

Impossível!

Mataram-os a ambos e ficou liquidado o assunto; e com ordem terminante para não mais se falar nessas velharias...

Sendo a religião, segundo Lenine, « ópio do povo », e como sem Deus e Satanaz não pode havê-la, mortos ambos, acabaria essa peçonha que há tantos séculos vem envenenando o mundo...

Como tudo isto é simples!

Como é fácil matar Deus e o Demónio, para comodidade do povo...!

O miserando fratricida Caím, que deu a morte a Abel seu irmão, também não estaria mal para simbolizar o Comunismo, visto que é precisamente na guerra civil, na guerra fratricida, a que Rússia lança constantemente — sempre que pode — as nações que não sabem combater, internamente, o perigo comunista.

Que a Rússia adoptasse, ela própria, esta divisa fratricida, seria, realmente, falta de senso político, e por isso a estátua a Caím não mereceu aprovação tão cerrada como a de Judas.

Judas, o « Traidor de Cristo », esse é que mereceu, e continua a merecer, todo o conceito das hostes comunistas.

E, reparem, que têm razão!

Não vemos nós a Rússia mostrar aos incautos a « saca dos dinheiros » e dar o « beijo traidor » na face, para melhor apunhalar pelas costas?!

A cena bíblica do beijo traidor de Judas Iscariotes tão recordada neste dia de Sábado da Paixão, é assunto para meditar e ter em conta, pelo Mundo Livre, neste conturbado tempo para os destinos da Humanidade.

Glória à Traição? Não!

Cantemos antes: Aleluia... Aleluia... Aleluia...!

EME

Consummatum est!...

Num motim, a cantar hosana delirante,
Entraste, meus Jesus, no Horto de tortura!
O povo de Israel, — adulator farsante —,
Preparava-te, em feias o cálix de amargura!..

Da tua Frente augusta, amena e rutilante,
Manava um fio de água, em fraternal mistura
Com Sangue, ao meditar na sorte degradante
Dum povo ingrato e mau, em perene escravatura!..

Por entre a multidão hiante e desvairada,
Um verdugo traidor, de frente levantada,
Acerca-se do Mestre, em trágica memória,

E beija, petulante, a Face de Jesus!...
Um só grito se ouviu: — « Dai-lhe a morte na Cruz! »!...
... E consumou-se o Crime a denegrir a História!...

Oliveira, S.ta Maria, 15/3/959

Rodrigues Carrazedo.

Considerações sobre a reunião da Imprensa Regional

(Continuação da 1.ª página)

fim e no fundo só prejudicam quem administra.

Foi este assunto, aliás da maior importância, o que mereceu muita atenção, e estamos convencidos, vai merecer diligências no sentido de criar um intercâmbio útil entre a administração pública e o órgão de imprensa local.

Na verdade, nada mais simpático e interessante do que, lida uma notícia, dar-lhe uma resposta em que da mesma forma e com o mesmo ânimo se elogiasse quem tornou possível conhecer-se um facto que merece solução, ou vir-se informar o público de que os protesto não é justo nem tem cabimento.

Desta forma os funcionários seriam mais zelosos, os serviços mais diligentes e no espírito de muitos não viveria o fantasma de que são mal julgados.

Também se faria com que o jornal acautelasse as publicações para não ter que receber esclarecimentos com dados irrefutáveis. Ao fim um benefício para todos.

Não é assim, quase por toda a parte, e aquele que poderia ser o melhor e mais íntimo colaborador é o descontente. É que nunca vimos que uma autarquia surgisse a público a dizer que agradecia tal notícia que lhe tornou possível saber de um facto que ignorava e que logo foram tomadas providências para o remediar.

Talvez que de futuro isto venha a acontecer até porque teremos de ser também nós a ajudar que se desvança o ambiente carregado a que tudo chegou por culpa de um desprezo para com a opinião pública que agora se compreendeu ser altamente nocivo.

E no dia em que as autarquias sintam que todos não somos de mais para esclarecer os menos esclarecidos e para impor à administração seriedade, ter-se-á encontrado solução para quase tudo. Os principais males são males por não serem conhecidos de quem os administra e outros continuam a sê-lo pelo espírito de embirra de quem não se julga dirigente mas antes « senhor ».

Este, um ponto que viemos tratar; a seguir falaremos de outros.

Visado pela censura

Ressurexit

(Continuação da 1.ª página)

gir o cadáver e qual não foi o seu espanto quando vêem a pedra tumular removida.

Teria havido profanação?

Maria Madalena, sempre louca de amor por Jesus, corre pressurosa, vai ao encontro de Pedro e João e entre soluços exclama: — Roubaram o Senhor do túmulo!

Volta de novo ao túmulo, agora acompanhada dos dois discípulos. O diálogo é bem conhecido. Às outras mulheres, já o anjo havia tranquilizado. Ressucitou, não está aqui. O túmulo, vazio, apenas as faixas, o sudário, o lençol e tudo ordenadamente disposto — Mulher por que choras?

A resposta vem pronta. Tomaram o meu Senhor e não sei onde o colocaram.

Naquele momento, — Jesus está sempre presente na ocasião própria para enxugar o pranto —, aparece o hortelão.

— Diz-me onde está? Quero tomá-lo.

... O hortelão era Jesus que apenas disse esta palavra: Maria.

Aquela voz era conhecida, desperta como dum sonho, e contempla o seu rosto. Era Ele o ressuscitado e num grito de indizível alegria exclama jubilosamente: — « Meu Mestre ». Prosta-se aos pés, beija-os, abraça-os, repetindo aquele gesto de eternecido amor que muito antes lhe merecera o perdão dos seus pecados.

Agora não há dúvidas de que Cristo ressuscitou, triunfou sobre a morte, venceu os seus inimigos e que as aleluias festivas daquele domingo, não-de ecoar através dos tempos, no coração do crente, como verdade consoladora da fé, como fundamento da ressurreição espiritual e como causa de toda a grandeza moral.

Oxalá que a humanidade veja na festa da Ressurreição, a renovação da vida cristã pela graça santificante e com esta, a renovação deste pobre mundo, pela justiça e caridade. M. P.

TRIBUNA do CONCELHO

BOURO

Estrada Camarária a pedir reparação

Já por duas ou três vezes, se não estou em erro, que abordamos o problema da Estrada Bouro — Parada, nas colunas deste Jornal.

O caso passou despercebido, ou se por ventura alguém dele se apercebeu, o certo é que não houve diligência para o solucionar.

Lembrávamos nessa altura que seria aconselhável a nomeação de um cantoneiro, que a trabalhar na Estrada um ou dois dias por semana, evitaria que ela chegas e ao deplorável estado que chegou, bastando para tal a limpeza das valetas, a fim de que nos dias de chuva os enxurros pudessem correr livremente sem galgar à Estrada.

Agora já não basta o cantoneiro, mas sim uma reparação urgentíssima que necessita, e isto irá despender ao Município avultada quantia, quando há bem pouco tempo se podia evitar. Quanto a nós resta a consolação de termos dado o conhecimento em devido tempo.

Conhecemos regularmente os efeitos prejudiciais da má conservação da Estrada, e como vemos nisto bastante prejuízo para o comércio de Bouro e consequentemente para o Concelho, pena é que os nossos rogos sejam desprezados e não dêem solução aos problemas que vimos focando constantemente.

Ainda há bem pouco tempo recebemos de um grande amigo, que temos, em Parada

De Caldelas

Violento incêndio destruiu totalmente uma oficina de alfaiataria — Falecimento

Caldelas, 24 — Cerca da 1 hora da madrugada, de hoje, declarou-se um violento incêndio na oficina de alfaiataria do industrial Amado dos Anjos da Silva, sita na Avenida Afonso Manuel, desta freguesia. O fogo teve início numa porção de carvão que serviu para acender o ferro de passar os fatos e de pressa se alastrou a todo o edifício, destruindo na totalidade, não só todo o edifício, bem como cortes de fazenda e fatos já feitos e máquina de costura. Os prejuízos são calculados em mais de 30 contos, estando só em parte cobertos pelo seguro.

Faleceu, com cerca de 80 anos, no dia de S. José, o velho porteiro do Grande Hotel de Caldelas, sr. José Maria Gonçalves, pai do actual porteiro do mesmo Hotel, sr. Remígio Gonçalves, a quem apresentamos sentidos pésames.—C.

de Bouro, em escrito, pedindo a nossa insistência junto de quem de direito, para a reparação da Estrada e da Ponte de Parada. Na verdade, lamentamos o prejuízo que ocasiona o abandono em que está a Ponte, pois podíamos ter uma carreira entre Bouro e Parada — Monsul, pelo menos nos dias de mercado, carreira essa já requerida pela Empresa Hoteleira do Gerez, mas não concedida, porque a Ponte não oferece a necessária segurança. Alguém nos ventillou que o Estado deu para a reparação da Ponte a respectiva participação, há já talvez três ou quatro anos, e apenas restava que os dois Municípios, Amares e Vieira do Minho, dispusessem da parte que lhes cabia na reparação. Temos dúvidas nesta informação, mas contudo, somos de opinião que quem de direito tome as necessárias providências nesse sentido.

A serem verdadeiras estas informações, bom seria que não deixassem perder-se ainda foi possível — a citada participação, que talvez bastante difícil será conseguir outra.

Fica assim, julgo, esclarecido o caso da Ponte de Parada. Oxalá que os dois Municípios tomem o devido interesse no assunto, para o solucionar tão rápido como as condições o exigem.

Voltando à Estrada, problema da Câmara de Amares, lembramos mais uma vez que é de grande conveniência a sua boa conservação, e como tal, mais uma vez apelamos para o alto critério dos principais responsáveis pelo destino do concelho, confiados que o seu exemplar espírito de justiça há-de ouvir os nossos rogos e resolver, como bem merecem, os nossos problemas.

Assim o esperamos, crentes, como somos nos melhores dias de amanhã.

P.S.

Porque este assunto já teve lugar, como acima digo, mais que uma vez nas colunas deste Jornal, faço desde já a promessa de não mais me ocupar dele.

A. Fernandes

Rendufe

Mosteiro Beneditino

Um grupo de trabalhadores especializados deu início às obras de conservação e reparação deste imóvel que o Estado considerou Monumento Nacional; tanto pelo valor histórico como arquitetónico atrai a esta freguesia destacadas individualidades para apreciarem um conjunto maravilhoso de preciosidades artísticas que

CARTA DE LAGO

Gralhas

Na carta anterior apareceram algumas gralhas. Porque o sentido fica diferente do verdadeiro, chamo para elas a atenção dos leitores: Onde se lê «tendo ouvido»... leia-se: «tenho ouvido...» Onde se lê: «que nos está preparado» leia-se: que vos está preparado». Onde se lê: «livra das paixões» leia-se: «livre de paixões». Onde se lê: «para se reparar as injustiças» leia-se: «para se repararem as injustiças»...

Dois falecimentos

As 22 horas de 3 de Março de 1959, minha mãe deixou a vida mortal para entrar na vida eterna. Meu pai já tinha saído desta vida em 5 de Dezembro de 1955. Ambos faleceram com 77 anos.

Isto é tão natural que não mereceria qualquer referência se não me parecesse haver alguma coisa de edificante em vidas tão obscuras e simples.

Filhos de gente pobre, não possuíam cultura literária, artística ou filosófica. Sabiam ler alguma coisa e ambos foram criados de servir.

Tanto na casa paterna como nos patrões a quem serviram aprenderam a ciência de amar e temer a Deus, com integridade de carácter e pureza de costumes inexcusáveis. Quando pensaram contrair matrimónio estabeleceram o lema:

— Não enganarem ninguém para viverem livres de vergonhas; e, dos magros frutos do seu trabalho, economizarem o mais possível para terem pão até ao fim

definem o talento monacal de uma época tão recuada e que hoje constitui, como tantos outros, motivo de orgulho Nacional, sem pôr de parte uma corrente turística de grande interesse material. A sua interdição, que a Tribuna Livre comunicou aos seus leitores, causou apreensão aos habitantes, convictos de que essa atitude não seria para os fins agora verificados.

O culto religioso continua a praticar-se normalmente e o refúgio das almas cristãs, que não podem divorciar-se do convívio de Deus na sua Igreja, está aberto a todos como sempre esteve desde a sua formação que tanto valoriza esta atraente freguesia.

Pela parte que nos cabe e como autor da notícia, agradecemos às entidades responsáveis a sua dedicação e carinho demonstrado pela salvação do Mosteiro e dignificação da casa onde vive um Chefe de quem, o esquecimento, significação Morte

Elisio Gonçalves

da vida, sem precisarem de pedir esmolas a ninguém».

Trabalharam sempre muito e com reduzidos proventos. Não herdaram nada. Todavia, com forte poupança, conseguiram amealhar o suficiente para auxiliarem os filhos e não precisarem deles.

Não fizeram testamento. Poucos dias antes do seu falecimento, meu pai quis ver-me. Não me fiz esperar e ele disse-me: — «Para estares comigo mais tempo é bom jantares aqui, junto de mim. Mandei rezar dez missas por mim e outras dez por tua mãe. Quero ainda que mandes celebrar cinquenta missas por alma de tua mãe e outras tantas tantas por mim, enquanto estamos vivos.»

Desejo também que, logo depois do meu falecimento seja celebrado um trintário por mim e façais o mesmo quando falecer a vossa mãe. Quanto a entêrro, quero tudo muito simples e pobre...»

Recordo com saudade estas últimas vontades. Todas se cumpriram integral e prontamente, visto o último ponto, — o trintário por alma de minha mãe, — ter começado logo no 5.º dia do seu falecimento.

Meus pais tiveram vários

Vida elegante

Aniversário

Sexta-feira — O sr. Octávio Pereira Machado.

Carrazedo

Sociedade

Parte para o Rio de Janeiro no próximo dia 4 de Abril o nosso querido e invulgar amigo, sr. Frederico Colona que se faz acompanhar de sua Ex.ma Esposa,

Registamos este acontecimento com mágua. O seu registo passaria despercebido se a categoria desses estimados ornamentos da sociedade nos não merecessem o respeito devido a almas inconfundíveis por feitos só perceptíveis aos eleitos de Deus na penetração dos seus mistérios.

Compartilhando da mágua que levarão de uma terra que tanto estimam, de uma raiz vitalizada pelo carinho de amigos sinceros, de corações a exalar o perfume da eterna dedicação, despeço-me convicto das suas felicidades que encontrarão na querida terra Carioca e onde o asfalto da Avenida Rio Branco se encontrará humedecido com lágrimas de alegria dos seus nobres descendentes.

Elisio Gonçalves

NASCIMENTO

Felicitemos o nosso dedicado assinante Senhor Jaime de Areu Dias e Ex.ma Esposa, pelo nascimento de uma robusta criança do sexo masculino. Mãe e filho encontram-se bem. Parabéns.

filhos, dos quais três lhes sobreviveram. Todos tiveram plena liberdade de escolher o modo e o estado de vida que preferiram. Que o Senhor lhes dê o descanso eterno entre os resplendores da cruz perpétua!

Para os ausentes

Estamos na Páscoa. Não é apenas a festa dos presentes; é também, e sobretudo, a festa da alegria. Muitos homens de Lago estão ausentes em África, na América, na Ásia e na Europa. Não podem alegrar-se junto de nós, com a memória da Ressurreição do Senhor, o que nos penaliza muito. Por isso, cá de longe, saudamos os nossos ausentes, desejando vivamente que a Páscoa seja também para eles «o dia que o Senhor fez e todos nos alegremos e exultemos no Senhor Ressuscitado».

HUMORISMO

Menino Traquina

Tonito: — Mamã, disseste que se eu me portasse bem durante meia hora, me davas o que eu quisesse...

— Está bem, então diz o que queres?

— Licença, para me portar mal durante duas horas.

Vantagem

— Não a quero tomar para criada de meus filhos.

É muito baixa...

— Mas não lhe parece isso uma vantagem? Quando deixar cair alguns dos meninos, não se magoa...

Exame de Botânica

Examinador: — o que é flor?

Aluno: — Uma flor é V. Ex.cia se me aprovar, sr. Doutor!

No Tribunal

Juiz — O réu é condenado a trinta anos de prisão, por ter assussinado seu pai e sua mãe.

Réu (chorando) — Ah, senhor Juiz! Tenha piedade de um pobre orfão!...

Visado pela censura

Carta do Presidente da Câmara de Esposende

(Continuação da 1.ª página)

deliberou estudar a forma de com o rendimento destes 4.000\$00, construir um barracão para guardar embarcações da M.P., uma vez que há todo o interesse em manter e incentivar, se possível, as actividades náuticas da mesma Organização.

Tudo isto leva a concluir que em face da apresentação das propostas e da informação junta da Secretaria a Câmara proponha-se estudar:

1 — a proposta mais vantajosa, que no critério da Secretaria era de 4.000\$00;

2 — a forma de aplicar, a verba resultante da proposta que se averiguasse mais vantajosa, (a de 4.000\$00 segundo a Secretaria) «na construção dum barracão para guardar embarcações da M.P.».

Esta e só esta, a intenção da Câmara.

Veja-se agora se, ao deliberar depois de estudar, a Câmara se moveu no intuito de lesar algum particular ou o Cofre do Município.

Submetidas a estudo, verificou a Câmara que a proposta mais vantajosa era a do empreiteiro «Z» que oferecendo menos 30\$00 em dinheiro, comprometia-se além da entrega de 3.970\$00, «a ceder o material necessário para o arranjo da estufa, no horto da Câmara».

Verificou-se em suma que o critério do valor, utilizado em absoluto pelo Chefe da Secretaria, não era o que fornecia a proposta mais vantajosa, pelo que a Câmara deliberou atendendo a todas as vantagens oferecidas, aceitar uma proposta menor em dinheiro, é certo, mas maior e melhor para a satisfação dos interesses do Concelho.

Examine-se agora a informação prestada pelo Chefe da Secretaria na reunião de 14 de Outubro de 1958: «Não obstante estas propostas terem sido presentes à reunião de 19 de Agosto último, a deliberação que sobre elas recaiu não parece tomada em termos de suficiente determinação de modo a conhecer-se a vontade da Ex.ma Câmara, na sua exacta realidade, pelo que sugeria mais concreta e expressamente se manifestasse sobre as mesmas propostas».

Esclareça-se agora o Sr. Celanus, já que o leitor atento da «Tribuna Livre», está por natureza esclarecido, que a dúvida fundamental do Sr. Chefe da Secretaria, era conhecer concretamente a vontade da Câmara, uma vez que a sua anterior de liberação era de sentido dúbio ou incerto.

E a Câmara reconhecendo-o, interpretou a sua própria decisão, não fazendo mais do que usar dum direito irrecusável.

Esclareça-se ainda o Sr. Celanus que quanto à maneira de aplicar os 4.000\$00, o Sr. Chefe da Secretaria não teve dúvidas. E a prová-lo está este passo da sua informação em que diz: «... que em seu

entender, a Câmara Municipal não poderá construir o barracão para guardar as embarcações da M.P. por estar fora das suas atribuições, pelo que a deliberação seria nula e de nenhum efeito».

A dúvida do Sr. Chefe da Secretaria ficou por natureza resolvida quando a Câmara, atendendo a um critério relativo e não unicamente de quantitativo, adjudicou concretamente a demolição dos prédios ao Sr. «Z».

E deliberando assim, a Câmara atendeu essencialmente aos interesses do Município, pondo de parte qualquer pretensão ressentimento pessoal que o Sr. Celanus infundamentada e maliciosamente pretende invocar.

Quando à aplicação que a Câmara faz, do capital oferecido pelo proponente, estamos de acordo Sr. Celanus quando diz que nada tem ele proponente a ver com isso.

Mas é função do Chefe da Secretaria, informar sempre que entenda que uma deliberação camarária a ser tomada em determinado sentido, pode estar ferida de nulidade.

Por esse facto, e embora tenha movido a Câmara mais uma vez o interesse geral e, neste caso, o desenvolvimento das actividades náuticas da M.P., a Câmara a que preside, por reconhecer legítima a observação do Chefe da Secretaria, pôs de parte, a aplicação de tal verba ao fim que tinha em vista.

É evidente que surgem a cada passo, no desempenho das funções de chefia, dificuldades cujas resoluções são susceptíveis de reparos, por obscuras ou ambíguas.

Mas porque razão vem o sr. Celanus, com base numa deliberação — cuja redacção, admita-se que deficientemente formulada, — dizer que a Câmara agiu no sentido de lesar um empreiteiro ou os Cofres do Município?

Não, os leitores do jornal «Tribuna Livre» exigem que os artigos nele insertos, embora livres na expressão, estejam incutidos da responsabilidade consciente e inerente a tal liberdade.

Não se pretenda sob o manto da liberdade, chegar a conclusões desastrosas, num intuito meramente especulativo e vexatório.

Analise-se agora o segundo caso referido pelo sr. Celanus. Diz ele respeito a um pedido de instalação de máquinas numa oficina manual de carpintaria, feito pelo seu proprietário, à Direcção Geral dos Serviços Industriais.

Para esse efeito o referido industrial dirigiu-se à Secretaria da Câmara pedindo que o informassem se necessitava de qualquer autorização camarária; pelo Chefe da Secretaria foi-lhe dito que a licença para a instalação e funcionamento da oficina não era das atribuições da Câmara, mas sim da exclusiva competência da Direcção Geral dos Serviços Industriais.

(Continuação da 1.ª página)

Uma pergunta com escrúpulos: Foram postas a todos os empreiteiros as condições de cederem os materiais para a estufa?

É que se não foram, Senhor Presidente da Câmara, temos de alterar no dicionário o conceito de *escrúpulos*. Tudo isto é claro e documentado.

Verifica-se, no pretensão esclarecimento, que o Chefe da Secretaria não teve dúvida, quanto há maneira de aplicar os 4.000\$00, e também não teve dúvidas em afirmar «que a deliberação seria nula e de nenhum efeito».

Pergunta-se: Como poderia ser anulada a deliberação só porque a Câmara errou na aplicação da verba? E que culpa pode ser sacada ao Empreiteiro de tal facto?

Entretanto, limita-se, como esclarecimento, que a deliberação é de «redacção deficientemente formulada».

E que culpa tem o emprei-

Pelo Antepiano de Urbanização desta Vila, devidamente aprovado em 1948 por Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas, o local onde o Sr. industrial pretendia instalar as suas máquinas está situado fora da zona destinada a fins industriais.

Aliás em tal Antepiano fixa-se uma zona destinada a tais fins, onde ele poderia instalar a sua indústria.

Ora esse Antepiano obriga tanto a Câmara como os particulares.

No intuito de mais uma vez defender os interesses gerais, relegando para segundo plano o interesse do Sr. «A» ou «B» impunha-se à Câmara dar conhecimento do referido Antepiano à Direcção Geral dos Serviços Industriais, para que nele visse um elemento a considerar, antes da passagem do licenciamento definitivo da instalação requirida.

É é nesse ofício e na razão que o ditou, que mais uma vez o Sr. Celanus, sem escrúpulos, pretende encontrar objecto para lançar a confusão na opinião pública.

E para terminar, permita V. Ex.a, Senhor Director, que recorde ao Sr. Celanus este período do seu artigo: «É inadiável um exame crítico aos actos que ficam no âmbito geográfico do Concelho, moderando paixões e impondo limites ao exercício de actos que não dignifiquem».

E já recordado, consciente da verdadeira liberdade consentida no jornal «Tribuna Livre», apenas quero dizer ao Sr. Celanus que é inadiável moderar suas paixões, pois artigos como o seu, são actos que não dignificam!

Esposende 16 de Março de 1959.

O Presidente da Câmara,
António José da Costa Leme

... e a resposta

teiro da formulação deficiente?

Quem conclui desastrosamente?

Deficientemente?
Não haja dúvida: o esclarecimento esclarece bem os que quiserem ser esclarecidos.

Segundo problema

O caso do industrial que se afirma lesado

Esclareça-se que o empreiteiro da proposta mais vantajosa é o mesmo industrial que pretendeu instalar as máquinas.

1.º — Perguntou na Câmara se carecia de qualquer autorização para a montagem das máquinas sendo informado por 2 vezes que de nada precisava.

2.º — Requeru a luz trifásica aos Serviços Municipalizados. Estes Serviços fizeram a montagem da luz, sem objecções.

3.º — No momento em que o empreiteiro reagia por se sentir lesado na adjudicação da demolição de prédios, recebe um ofício do município, para suspender as actividades industriais.

4.º — Esclareça-se que a Direcção dos Serviços Industriais concedeu a licença de laboração, por 2 anos, que tem o número 21577.

Tudo isto que se comprovava documentalmente, não se afigura a modos de represália?

É possível que não. O público que analise e que comente.

Para verificarem que o Senhor Presidente da Câmara podia ter agido de forma a esclarecer-se e a esclarecer-nos, lembrarei que lhe foi apresentado um requerimento pelo industrial em que se afirma:

1.º — Que há «esforços e vontades que logo surgiram a pretender coarctar o seu direito e a prejudicá-lo, impondo-lhe arbitrariamente, uma inactividade injusta».

2.º «Alguém officiosamente, se encarregou de criar razões e conseguiu que a Câmara da ilustre Presidên-

cia de V. Ex.a tomasse a deliberação de onze de Novembro no sentido de procurar impedir o trabalho e actividade do requerente».

3.º — «É bem sabido que pessoas de muita responsabilidade tentam prejudicar directamente o requerente, estando ainda pendente ou mal começado um outro caso que é a concretização e evidente demonstração de má vontade exercida contra o mesmo».

4.º — Encarregou já mesmo o seu advogado de solicitar pessoalmente um inquérito, para que seja a própria Direcção Geral competente a tomar conhecimento das razões que estão por trás de quem procura levar a Câmara a resoluções que não são justas e que lesam gravemente um humilde e pobre munícipe. Receia porém o requerente que «o trabalho de sombras», etc. etc.»

— Deverei esclarecer mais V. Ex.a acerca de documentos que tem nas mãos?

E que medidas tomou?
Não se impunha um inquérito?

Vou terminar se V. Ex.a o permitir sem lhe responder aos ataques pessoais.

Isso não interessa à colectividade, embora, pelos documentos que tenho na minha frente, respeitantes a outros casos que infelizmente se passam em Esposende quase me tentassem a fazê-lo!

Espero que V. Ex.a não insista no ataque pessoal e entretanto, apelo para que compreenda melhor o alto sentido de magistrado administrativo que é presentemente a maior ambição do Ilustre Titular da Pasta do Interior.

E não é demasiado o tempo para que todos procuremos ser justos e escrupulosos, mormente no caso de V. Ex.a que em breve completa 4 anos de chefia.

É norma da «Tribuna Livre», guardar sempre o melhor.

Mais uma vez cumpre integralmente essa intenção, se V. Ex.a o permitir.

Celanus



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO,

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 23

(CONTINUAÇÃO)

Infelizmente esses textos não atingem o período em que foi deveras acesa a luta pela emancipação, mas facilmente se concebe quanto foi importante e até essencial nesse momento crítico a actuação dos habitantes da montanha, quando chegou a hora de cerrar as portas (Portela de Homem) ao constante rodopio de povos usurpadores, que apareciam em constantes sortidas só para desvastar-lhes os rebanhos e as searas e roubar-lhes os santos, como consta ter acontecido com o corpo da dita mártir, que foi surripiado pelo bispo de Orense da igreja de Covide (Santa Marinha, sua irmã) e levado para a respectiva Sé.

Os homens de mais de vinte freguesias que estanciavam pela periferia dos montes de Bouro, e a sua população era deveras notável de valores guerreiros, entre ricos-homens e cavaleiros, continuadores das heróicas campanhas de Pelágio, aos quais o domínio sarraceno comprimia ainda nesta zona acidentada do noroeste peninsular, concorriam *ad apellido, in tempore guerre* a integrar-se na guarnição desta formidável cintura de penhascos e madeiros ericados sobre a culminância da montanha.

Fora disso tinha a sua guarda permanente e esta tradição multissecular redundou em privilégios e regalias; em cargos honoríficos e de facto, como seja dos fronteiros-mores, inerente aos senhores da Tapada e do concelho; o de capitães-mores nos d. d. abades de Bouro e terras de seu couto.

Os moradores da «terra de Bouro foram de sempre dispensados de servir em qualquer outra parte; D. Dinis confirmou-lhes essa isenção e igualmente D. Manuel por carta dada em Évora a 20 de Julho de 1497.

O Castelo de Bouro tem sido motivo de várias referências através deste estudo monográfico de Entre-Homem e Cávado; e, com efeito é o seu mais prolongado e indiscutível episódio histórico de incontestável grandeza e transcendência, especialmente no tempo dos reis primeiros, quando era a corte nestes montes, nos dizeres do Poeta-filósofo.

Se me perguntassem quais foram, até hoje, os homens mais célebres da «terra de Bouro», responderia, sem hesitação, que foram esses heróis ignorados que, fortificando-se segundo as leis do tempo por estes montes rudes e agrestes, deram abnegadamente os grandes e decisivos passos para a conquista da liberdade, da independência.

O monumento mais adequado para perpetuar-lhes a memória—lá, nesse mesmo ponto estratégico, bem vincada na rocha granítica, feroz e forte como o peito que resvestiam de ferro ou da loriga dos combates, para enfrentar o inimigo, uma légenda que se avantajasse e suprisse as dos padroes romanos aos seus triunfadores; portuguesa de lei e simplesmente:

Aos Defensores e Guardadores do Castelo de Bouro e Portela de Homem.

Alguém poderá objectar que não se travou aqui qualquer prélio que recomende este ponto como lugar histórico de alta importância; mas exactamente por isso toma seu desmesurado relevo, quanto é certo que os leoneses a partir de certo momento jamais se atreveram a forçar esta passagem por reconhecerem-na impraticável, à vista da invencível barreira que os bravos habitantes da montanha ali haviam instalado.

Esqueceram-se mais tarde disto os Castelhanos, que nas guerras de D. João I, de 1384, se atreveram a entrar pela Portela de Homem; porém o D. Abade de Bouro logo armou uns 600 homens e lá lhes apareceu ao encontro, destrocando e aprisionando um exército de 2.000 inimigos.

Viram-se, pois, em 1140, na necessidade de recorrer a outros caminhos e estradas, por onde vieram entre grandes dificuldades às terras de Límia e, com outras circunstâncias e peripécias que este desvio criou, acharam-se no célebre recontro de Vale-de-Vez e na «Veiga da Matança» e foi à custa das fortes razões do insucesso que Afonso VII de Leão viu seriamente e por todos os lados comprometido o seu desejo de continuar a manter quaisquer direitos de suserania onde a propriedade se lhe apresentava inteiramente vedada. Assim se obrigou a modificar profundamente as suas disposições em relação às terras portucalenses e a convencer-se de que a nacionalidade portuguesa tinha de ser um facto.

E, ao mesmo tempo, objecto de tradição e crença que D. Afonso Henriques, com seus cavaleiros e homens de armas a caminho de Vale-de-Vez, passou pela Senhora da Abadia a implorar os seus favores no grande negócio em que todos andavam empenhados; e, sendo assim, mais natural é que não deixasse de visitar a forte guarnição do Castelo de Bouro, a instruí-la e encorajá-la em meio dos graves perigos em que decorria aquela demanda com o primo leonês.

(Continua no próximo número)

ASSINAI E PROPAGAI
«A TRIBUNA LIVRE»

Os Assaltos aos Laranjais

(Continuação da 6.ª página)

concorrem, em grande escala, para os desacreditar, e quando tal acontece, o seu proprietário terá de o vender só quando a laranja atingir preço compensador, para que o negociante a possa retirar imediatamente, ou então, se a necessidade a isso obrigar — o que geralmente acontece — vendê-la por preço muito inferior ao seu valor, porque o negociante não pode ser a vítima dos assaltos que o laranjal vai sofrer.

São frequentes os assaltos aos laranjais, e por isso, na época em que a laranja tem exportação, proprietários e negociantes vivem em sobressaltos, porque os «amigos do alheio», com o apoio de algum pouco escrupulosos compradores que lhe receptam o furto a troco de insignificante importância, aproveitam o silêncio da noite para cometer as suas proezas.

O motivo por que hoje escrevemos este artigo vem a propósito de um assalto, ultimamente verificado, em um laranjal do norte do concelho.

Vamos relatar o caso, mas sem indicar os autores — muito embora o pudéssemos fazer — porque nele estão envolvidas pessoas com quem mantemos boas relações, e creio que deixariam estupefactos a maioria dos leitores. Vejamos: Determinado proprietário verificou que o seu laranjal tinha sofrido um grande assalto. Como

as laranjas já tinham sido vendidas ao conceituado negociante senhor Francisco Pereira da Cunha de Bouro, nada mais teve a fazer de que participar-lhe o caso. Imediatamente se iniciaram as diligências, e, graças ao esforço do digno Comandante do Posto da G. N. R. e dos seus subordinados, dentro em breve estava o furto descoberto.

Acompanhamos todas as diligências até à conclusão da descoberta, e qual o nosso espanto, ao verificarmos que a linda soma de 1.360 laranjas, de fina qualidade, serviam de tapete a um bovino. Claro: As laranjas foram, ou iam ser vendidas a um dos tais pouco escrupulosos, e para o efeito já se encontravam na casa dele; mas ao saber das decorridas diligências, e na impossibilidade de lhe dar rumo, porque a casa ficou toda a noite cercada, foram as laranjas sepultadas numa corte e sobre elas espalhado certa quantidade de mato. Verificou-se depois que o assalto foi praticado por três meliantes, dois dos quais já reincidentes e, segundo estes declararam, levaram-nas à dita casa porque lá encontravam recepção. São actos verdadeiramente indignificantes e cheios de malvadez, o dos salteadores, mas não o é nada menos o da pessoa que aceita em sua casa, por meio de compra, qualquer artigo que conhece bem a sua origem (furto). Tanto que lá

TELEFONES MAIS UTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares . . .	62113
	62141
Câmara Municipal de Amares	62121
Casa de Saúde de Amares . . .	62122
Correios {Amares	62116
	65116
Delegação de Saúde	62145
Farmácias {Amares	62127
	62124
	3863
	65121
Guarda Republicana —Amares	62115
Hospital S. Marcos —BRAGA . .	18
	62120
	62117
	3867
Postos Públicos {Caldelas	65120
	7119
	3862
	7117
	65137

diz o adágio: «Se não houvesse alcobiteiras não haveriam más mulheres». As pessoas que receptam os furtos, podemos considerá-las como principais incitadoras à prática deles. Por isso, a cabeça que incita ao crime não é menos culpada do que a mão que o pratica. Se há cadeia para o que praticou um crime, não pode haver liberdade para o que o incitou a isso.

Felizmente que todos estão a contas com a justiça. Oxalá não haja benevolência e acima de tudo, que não seja esquecido o prejuízo e as despesas feitas pelo negociante, que devem já oscilar à volta de dois mil escudos.

Em casos tão arripantes e confrangedores como este, nada mais podemos desejar.

Festa da Goma na Abadia

Em Domingo de Pascoelo

5 DE ABRIL DE 1959

Já tradicional, esta Romaria é muito concorrida não só pelo povo de Amares, como também pelo de Terras de Bouro, Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho, e ainda por muito povo de Caldela, que se salienta, por ser talvez a época de menos afazeres, que aproveitam para vir agradecer à Virgem Nossa Senhora da Abadia as graças recebidas e implorar outras.

À novena, que principia no sábado de Aleluia, costumam concorrer especialmente as freguesias de Covide, Carvalheira, Chamoim e outras de Terras de Bouro, que já de início a começam a animar.

No dia 5 de Abril, Domingo de manhã, haverá a conclusão da novena, acompanhada a órgão, ultimamente reformado, e seguida de Missa.

Às 10 horas dará entrada a **Banda de Música de Bouro** que acompanhará desde o 1.º Calvário o povo que ali estiver reunido, na forma dos anos anteriores.

Às 11 horas principia a **Missa Solene**, a grande instrumental, e sermão pelo erudito orador Rev.º P.º Manuel Rodrigues de Azevedo, professor do Seminário de Braga.

Da parte de tarde, pelas 16 horas, **Magistosa Procissão Eucarística**, terminando por bênção do SS. Sacramento.

Haverá carreiras eventuais de Camionetes entre Feira Nova, Bouro e Abadia.

Informamos os senhores automobilistas de que a Estrada para o Santuário está a ser beneficiada para facilitar o trânsito.

Todos à Festa dos Prazeres da SS. Virgem
Todos à Abadia



Tribuna Desportiva

O F. C. do Porto é o Campeão Nacional de 1958-1959

Depois de cerca de 6 meses de prova árdua, terminou no passado domingo o Campeonato Nacional da 1.ª divisão, com a vitória justa do F. C. do Porto. A população nortenha, principalmente os

Notícias do Gerês

O Clube Nacional de Montanhismo, pensa realizar um Rally de Automóvel nesta instância, no dia 28 de Junho próximo, com seguimento daqui para Orense, pelo que vão tratar junto das autoridades competentes autorização da passagem pela Porta do Homem.

Visitas ilustres

No passado dia 8 tivemos o prazer de ver aqui o Ex.mo Senhor Director Geral dos Serviços Florestais, Eng.º Filipe Jorge Mendes Frazão, que vinha acompanhado de outras pessoas de família.

No passado domingo tivemos a honra da visita do Ex.mo Senhor Augusto Ferreira Machado, Engenheiro Chefe da Circunscção Florestal, que vinha acompanhado de sua esposa Ex.ma Senhora D. Mafalda.

Desportismo no Gerês

No passado domingo logo que chegou a notícia da vitória do Porto, os adeptos cheios de alegria e acirrados por outros adeptos contrários, organizaram um cortejo funebre seguindo pela avenida abaixo com um ataúde e bandeiras; mas seguidos pelos contrários que lhe deitaram o caixão por terra. Com esse distúrbio aproximou-se muita gente, lamentando que se tivessem metido no assunto pessoas já de certa idade quando aquilo não passava dum simples brincadeira só de rapazes novos.

Foi tudo acomodado com a presença dum praça da Guarda Republicana que depressa dispersou o conjunto.

C.

aficionados dos azuis e brancos, viveu mais um momento de loucura com a conquista deste título. Não deve haver na história do futebol nacional, uma prova tão emocionante como esta que acaba de terminar. Lutoi-se até ao último momento deste campeonato que nos escondeu o campeão até aos últimos segundos do jogo da Luz, incompreensivelmente terminado mais tarde do que a hora regulamentar. O F. C. do Porto foi um digno campeão, mas não devemos esquecer o Benfica que soube lutar até ao fim, vendo fugir o título por um simples golo. Na realidade deve custar muitíssimo que um golo de vantagem decida um campeonato, mas a verdade é que o regulamento está feito desta maneira e é assim que tem de ser enfrentado. O F. C. do Porto já perdeu dois títulos por diferença de golos e temos presente o ano passado em que o Sporting foi campeão por 2 golos de diferença sobre os Nortenhos. Agora chegou a sua vez. Pena é que não se modifique o regulamento neste aspecto. Uma vez que os clubes chegassem ao fim do torneio empatados em pontos, deveria haver uma finalíssima para decidir o vencedor. É assim que se procede no Brasil e noutros pontos do globo, e, na nossa modesta opinião, é assim que se deveria proceder, em Portugal. Bem sabemos que da maneira como está previsto é igual para todos e quase todos os clubes chamados grandes já beneficiaram deste regulamento, mas a verdade é que uma finalíssima separaria o vencedor por pontos que afinal é por estes que os clubes lutam até ao fim.

O F. C. do Porto foi um brilhante campeão oficial mas o Benfica foi um digno campeão moral, sendo sem sombra de dúvida, as únicas duas equipas que se agigantaram nesta importante prova nacional.

Parabéns F. C. do Porto.

Parabéns S. L. Benfica

M. Janela

De visita à nossa Redacção

Tivemos o subido prazer de cumprimentar na nossa Redacção o Ex.mo Senhor António de Barros Gonçalves, de Lisboa, nosso dedicado assinante, que veio com a Ex.ma Família passar entre nós as Festas da Páscoa.

Também há dias nos cumprimentou o estimado assinante, Senhor Delfim da Silva Pinto, que pela primeira vez apreciou as nossas instalações e lhe mereceram elogios.

Recebemos ainda a visita do nosso estimado assinante, Senhor Venâncio Correia Feres, da Amadora, que agradecemos.

OS ASSALTOS AOS LARANJAIS

Por A. Fernandes

Há já muito que pretendia trazer às colunas deste conceituado semanário, umas ligeiras e modestas — segundo a minha maneira — considerações, sobre o abuso que constantemente se verifica nos «amigos do alheio», e de que são vítimas os mal acautelados laranjais.

É evidente e tal vez ninguém ignore, que a laranja é, há já bastante tempo, um belo suporte das grandes dificuldades do nosso lavrador, e que se lhe faltar, creio que muito breve se veria a ruína de uma grande parte. Para aquilatar-

mos a veracidade destes factos, julgo suficiente apontar que é com o produto da venda da laranja, que a maioria dos lavradores desta região conseguem satisfazer as suas contribuições ao Estado, aquisição de sulfato e arame, e parte deles, satisfazer ainda juros de empréstimos que contraíram, visto que o restante produto das terras é insuficiente para despesa da casa.

Também é já bastante sabido que os furtos nos laranjais

(Continua na p.ª página)

Secção de Recortes

Odecam

Após 37 anos da Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, vimos recordá-la nesta secção com o patriótico soneto do então já famoso poeta António Correia de Oliveira, evocada também, como se vê na gravura, pelo poeta Virgílio de Sá.



CARAVELAS DO CÉU

De novo Portugal bateu as asas:
(O mundo inda não teve outras mais belas!)
E são estas as novas Caravelas,
O Lume-Novo das antigas brasas.

Dantes, vogavam sobre as ondas rasas
As naus aventureiras; hoje, é vél-as!
Parecem voejar por entre estrelas,
Como andorinhas no beiral das casas.

Agora, o mar é céu, a infinda luz;
Mas, nas velas em asa, a mesma Cruz
Alonga o mesmo Voo triunfal.

Tão rente ao Céu, ninguém o tinha vistol
— Sem vir à terra, pode Jesus Cristo
Colher nos braços todo Portugal...

7 Abril 1922

Belinho

António Correia de Oliveira

Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos.
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros,